

Rinaldo de Fernandes (org.) – Contos cruéis: as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea

São Paulo: Geração Editorial, 2006.

Liana Aragão

Se a década de 1970 ficou literariamente marcada pelo *boom* do conto no Brasil, os anos 1990, segundo pesquisadores e especialistas, não ficam atrás. Já é possível destacar que as ambientações do campo literário brasileiro do fim do século XX e o início do novo milênio se caracterizam por um acolhimento afável do gênero. Em algumas esferas, como uma repetição mesmo do que aconteceu nos anos 1970. Em outras, como uma releitura, uma adaptação, ou ainda uma ponte para o surgimento de subgêneros, como micro e minicontos.

Se formos mais rigorosos em nossa observação sobre esse movimento ainda pouco delineado, seremos capazes de afirmar que os anos 1990 e 2000 não representam tão somente um novo *boom* do conto no país, mas um *boom* de antologias. Nunca se produziram tantas “reuniões” de textos

curtos como nos últimos anos. Acompanhando o campo musical, com a explosão das coletâneas temáticas (discos com trilhas sonoras de telenovelas ou de filmes, com agrupamentos de canções marcantes de diferentes décadas, grupos/cantores de determinados estilos, novidades pertencentes a um único ritmo etc.), registra-se um número considerável de antologias literárias.

As revistas *Ficções*, sucesso que revelou alguns dos contistas da década de 1970, e a internacional *Seleções*, bem como os jornais dedicados a publicar contos ou poemas, podem ser consideradas as precursoras desse movimento contemporâneo.

Para se ter uma idéia, somente de 2000 para cá, foram lançados, entre outros, *Os cem melhores contos brasileiros do século* (Objetiva), com organização de Italo Moriconi; *Os cem menores contos brasileiros do século* (Ateliê), por Marcelino Freire; *Geração 90: manuscritos de computador e Geração 90: os transgressores* (Boitempo), por Nelson de Oliveira; *Literatura marginal: talentos da escrita periférica* (Agir), por Ferréz; *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* e *+ 30 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (Record), organizadas por Luiz Ruffato; *Os cem melhores contos de humor da literatura universal* (Ediouro), escolhidos por Flavio Moreira da Costa; e *Todas as gerações: o conto brasileiro contemporâneo* (LGE), organizado por Ronaldo Cagiano.

Sem contar que nos anos 1990 vimos ressurgirem coletâneas voltadas ao público infanto-juvenil, como é o caso da coleção *Para gostar de ler*, da editora Ática, que reuniu, em diversos volumes, contos brasileiros, contos universais, crônicas etc. A editora Moderna, por sua vez, patrocinou os *Contos brasileiros contemporâneos*, organizados por Julieta de Godoy Ladeira. Também registramos algumas antologias que reúnem poemas, como *Esses poetas: uma antologia dos anos 90*, organizada por Heloísa Buarque de Hollanda, e *Antologia comentada da poesia brasileira do século 21* (Publifolha), por Manuel da Costa Pinto.

Contos cruéis: as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea, organizada por Rinaldo de Fernandes, foi lançada no início de 2006 e reúne autores da década de 1970 até os dias de hoje. De “clássicos” a ilustres desconhecidos. Grande parte dos textos é inédita. Em comum, a violência: “pedi aos autores que tirassem da gaveta e/ou de seus

arquivos aquelas histórias mais agressivas, contundentes, ou que produzissem textos que se enquadrassem na proposta temática”, diz o organizador na nota de apresentação. A orelha e a capa preta anunciam o que Fernando observa: “são textos agressivos não só na temática, mas na linguagem fria, de certa forma impactante (e inovadora), de determinados autores” e ressalva “quatro ou cinco casos (de um total de 47 contos) podem não atender à proposta de violência indicada no subtítulo – mas estão perfeitamente enquadrados na idéia de crueldade contida no título da coletânea”.

O livro tenta ser (e, em primeira leitura, consegue) um diálogo com a realidade urbana brasileira atual: a violência está presente em todas as esferas sociais, no crime organizado, nos meios de comunicação, na política e também no trabalho, na família, nas relações de amor, de amizade. “O escritor vai fazer o quê? Pintar as ruas de risos e rosas?”, questiona Fernandes. Entretanto, como ele mesmo admite no texto de apresentação, alguns não atendem à proposta de tratar temas relacionados à violência. Ou seria violento um conto com a história de um homem chamado Zé Bode, que não toma banho e atrai bichos por causa do mau cheiro? O enredo mais parece extraído de um cordel. E se Fernandes classifica a linguagem como crua é porque lança ao texto – e aos demais textos que apresentam semelhanças ao cordel – um olhar um tanto preconceituoso. O sotaque e as incisões lingüísticas nos remetem a um cenário nordestino. Assim, tudo o que é nordestino é cru?

Outra disparidade evidenciada nas primeiras páginas entre o que o organizador anuncia e o conteúdo dos textos é a questão da urbanidade: “os textos aqui terminam expressando o comportamento que hoje prevalece nas comunidades urbanas, especialmente nas metrópoles”. Ora, o próprio conto mencionado, “O bode expiatório”, de Aldo Lopes de Araújo, é ambientado e trata de questões pertinentes a uma cidade pequena. Outro é “O vingador e o inocente”, de Aleilton Fonseca, em que um personagem quer matar o outro para vingar a morte de seu pai. Os dois andam a cavalo por uma estrada quase desértica. Com esse olhar, permanecemos na margem de erro estabelecida por Fernandes. Afinal, devem ser cinco aqueles textos que não têm a violência como tema e a ambientação urbana *prevalece*, mas não é absoluta.

O livro prossegue com algumas experimentações exageradas e alguns contos que carecem do mínimo olhar crítico para funcionar – e aqui nos abstermos de qualquer discussão acerca da função da literatura. O conto “Irmão”, de Ataíde Tartari, é uma enumeração irresponsável de crimes, sob um arremedo de voz marginal. Nele, narra um adolescente que aprende a ser assaltante com o irmão mais velho. A voz do menino é calculadamente pejorativa, havendo duas questões implícitas: a idiotização da personagem (e obviamente aqueles seres reais que ela representa) e uma lição de moral ao leitor, ou um coro ao discurso da necessidade de “limpeza” social, que cabe muito bem na indignação da elite econômica. As gírias parecem desconsertar e até desambientar o jovem: o discurso passa longe da verossimilhança. “Que nem aquela vez que a gente fez a padaria do português. Quer dizer, nem sei se o cara é portuga mesmo. É o que pessoal sempre fala, tá ligado?” (p. 67).

Mas não apenas de más surpresas é feito o livro. Além, é claro, dos já “clássicos” Rubem Fonseca, tido como mestre no tratamento de temas ligados à violência urbana, e que figura com o seu “Feliz ano novo”, e Lygia Fagundes Telles, que gera arrepios com o seu “Venha ver o pôr-do-sol”, temos pela frente Marcelino Freire e André Sant’Anna. O primeiro, reproduz o conto “Esquece”, publicado no livro *Contos negreiros* (Record, 2005). No texto ritmado, o narrador é um bandido de rua que reclama certa tranqüilidade para agir na conclusão do assalto a um carro. A novidade está não apenas na musicalidade do texto, que confere certo ar de poesia ao conteúdo violento, mas também no modo como Freire constrói e dá voz ao seu narrador-personagem. Ao contrário da sensação de estarmos diante de uma paródia mal feita do “homem do povo”, o conto mistura a angústia do assaltante ao linguajar do intelectual, o autor. Como se estivesse um possuído do outro, a intenção aqui passa longe de uma tentativa de imitar um dialeto – ação que facilmente caracterizaríamos como uma contribuição quase impune de estigmatização social –: Freire marca bem a sua presença na narrativa.

Em “A lei”, André Sant’Anna desmascara qualquer tentativa ingênua de se representar “com fidelidade” certa fala, certo gesto ou ambientação. O conto é narrado por um policial, que se diz muito burro e que não teria sequer condições de construir um texto coeso. “Eu não sei juntar as pala-

bras e fazer com que essas palavras, juntas, ganhem sentido” (p. 39). A afirmação bate de frente com a constatação do leitor, que afinal está diante de um texto bem construído, com sentido etc. É a representação em crise: o autor põe em xeque a sua capacidade muito limitada de representar com propriedade uma realidade que não é a sua. O que vem depois dessa declaração quase explícita fica protegido de qualquer crítica. Como no conto de Tartari, o narrador-personagem aqui é marginalizado: utiliza muitas gírias, erra concordâncias, não usa plural. Entretanto, a própria língua é conteúdo do texto, e não apenas meio, forma, código. Ela, e os discursos puritanos acerca dela, estão em jogo. Também estão em jogo as concepções sociais muito calcadas na resolução fácil de problemas complexos. No conto de Tartari, por exemplo, não é difícil concluirmos que pessoas entram no crime por falta de opção, mas não saem dele porque passam a ter prazer com a atividade criminosa. No de Sant’Anna, é tudo mais complexizado: algoz é vítima, vítima é algoz.

Para finalizar, destacamos o *non sense* escatológico de Joca Reiners Terron, com “Disneyferno ou despojos de nossa guerra particular contra o tempo”, e de Arturo Gouveia, com “Pelos pobres de Tegucigalpa”. O resgate do discurso não linear e sem sentido, como uma tempestade cerebral, misturado ao grotesco, apesar de fazer com que o texto não seja digerível rapidamente, gera ao menos um olhar enviesado e certo mal-estar. Por outras palavras, gera uma percepção inquieta e talvez uma tendência à questão: por quê?

Contos cruéis: as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea apresenta-se, portanto, como espaço eclético e que, com exceções, pretende trazer à tona olhares sobre a violência. Se antologia é entendida como uma reunião de diferentes estilos e concepções, a organização de Fernandes cumpre seu papel, mas não se configura em um conjunto de boas discussões, com novos entendimentos a respeito de uma realidade latente e explosiva. Ainda assim pode ser lida como um pontapé (não inicial, pois a própria existência da obra de Rubem Fonseca desmentiria isso), um desvio, que aguarda rebote. Quem sabe, contra-ataque.